

## **A erótica do amor virtual - NEL**

**Dupla coordenadora: Ana Viganó – Mario Elkin Ramírez**

**Integrantes:** Pany Dimitrakis; Andrés Amariles; Omar Dominguez; Zindy Valencia; Sandra Rebellón; Carla Bravo; Martha Idrovo; Karina Zapata; Beatriz Escalera; Judith Serrano; Adriana Soler; Ariana Achá; Maira Campero; Susana Schaer

A NEL mantém os seus laços de trabalho, intercâmbio, *affectio societatis*, pesquisa e conversação, através de meios virtuais, já faz muito tempo. Pioneiros pré-pandêmicos do uso dos meios tecnológicos ao serviço da Escola nos reunimos mais uma vez, neste tempo de intercâmbio de conversas para o ENAPOL, com colegas de diversas latitudes, países e fusos horários do território da NEL. Alguns, velhos conhecidos; outros, revigorantemente novos. Cada um deu a sua colaboração nesta contribuição que leva no seu centro as marcas de uma produção surgida inteiramente de uma experiência virtual.

### **I - Texturas das narrações atuais.**

Guiando-nos pela orientação que Lacan deu sobre os artistas nos levarem a dianteira e nos abrirem o caminho, os nossos primeiros encontros versaram sobre propostas da cultura audiovisual. Começamos com a série popularizada na Internet (2008) e depois levada para a TV (2011), *Web Therapy*, a qual nos surpreendeu pela sua atualidade. Nela, uma terapeuta narcisista e impaciente decide reduzir a duração das sessões de terapia, passando dos tradicionais 50 minutos a 3, e, além disso, sendo feitas de maneira virtual, por Skype.

Alguns capítulos de *Black Mirror* serviram também para que os temas fluíssem e animar as conversas: *Han the DJ* (2017) e *Striking Vipers* (2019). No primeiro, Amy e Frank consentem em participar de um sistema murado de seleção de casais perfeitos, instruídos de maneira permanente por uma tutora virtual sobre aquilo que deve fazer, como e principalmente quanto tempo deve passar com cada encontro, para recolher a informação que devirá na descoberta do casal mais compatível. Com uma condição: não sair dos muros do sistema até o final. A história apresenta a possibilidade de encontrar o amor dentro do sistema, mas sem a sua necessária aprovação, ao mesmo tempo em que confronta os personagens a se rebelarem contra o mesmo.

*Striking Vipers* introduz a dimensão de "ser outro" nas coisas do amor, sob a perspectiva do jogo de roles na "vida real" e na "vida virtual". Os jovens namorados Danny e Theo brincam de serem dois

desconhecidos que se seduzem num balada e, com isso, acendem o fogo da paixão. Após terem relações sexuais, o jovem joga animadamente um *videogame* de lutas corpo a corpo com o seu melhor amigo. Uma década depois, Danny estando casado com Theo e com um filho, reencontra-se com o seu velho amigo o qual lhe dá, no seu aniversário, a última versão do mentado *videogame* e o kit de realidade virtual necessário para jogá-lo. Essa noite, a dupla de amigos volta a jogar, mas desta vez cada um da sua casa, com a possibilidade de ingressar na arena virtual experimentando o que sentem os personagens: os socos, as dores, a agitação dos corpos e também a tensão sexual que se gera entre os Avatars, que acabam se beijando nesse primeiro encontro. O conflito é gerado entre a forte atração sexual entre eles, sendo personagens, e a verificação ou não dessa atração fora do campo do jogo virtual.

Do passeio pela cultura audiovisual não demoramos em passar a conversar exemplos cotidianos. Assim, relembramos breves vinhetas daquilo que nos chegava aos consultórios, ilustrando diversos modos de tensão entre a "vida virtual" e a "vida real", que afetam os laços amorosos.

## **II - O escuto...**

M, um jovem de 30 anos chega à consulta por aquilo que chama "luto por um amor" depois de dois anos de relação virtual com uma jovem de outro país, condição que lhe pareceu atrativa, pois se sente a si próprio "incapaz de começar uma relação com alguém do seu próprio país". O relato abre a temporalidade desses dois anos em dois tempos diferentes: o primeiro tempo, de "muitas palavras apaixonadas". Coincidiam em tudo, se apoiavam mutuamente, falavam quase o dia inteiro, a toda hora, sabiam tudo um do outro, mas... ele não tinha visto uma foto dela sequer. Estava muito apaixonado, até "esse dia fatídico, que ainda não entende": o dia em que ela compartilhou uma foto dela e ele não gostou. "Não pude lidar com isso. Senti-me muito mal. As minhas ideias, os meus valores, todo o meu ser queria se apaixonar da pessoa, pela própria pessoa em si e não pela sua imagem. Sentia-me apaixonado, mas confesso: vê-la me fez cair em... lamento muito em dizer ... dei *ghosting* nela. Ela ficou furiosa. A decepcionei". A coisa terminou sem que ele pudesse "entender e muito menos aceitar" nem a culpa do *ghosting*, nem o rompimento, nem a razão da sua "louca escolha", pela qual se questiona.

A, em contrapartida, consulta após um tempo de terapia de casal que revelou um *impasse* irresolúvel. Os ciúmes irrefreáveis do namorado e a perseguição de espionagem profissional, contratada para seguir as suas redes e intercâmbios virtuais, e o rastreamento da sua localização, os levavam a episódios de violência física e verbal. Trabalhavam isto na terapia até que, aquilo que parecia superado, voltou: um chat

interceptado e respondido pelo *partenaire*, se fazendo passar por ela, desatou novamente a tempestade, revelando que nunca puderam concordar na abordagem do privado de seus espaços, tempos, nem dos seus dispositivos, apesar das tentativas.

F, frequentava os aplicativos de encontros sem maiores problemas, embora também sem conseguir uma relação estável. Desta vez, tudo parecia ir especialmente às mil maravilhas. O encontro presencial se impôs nos ritmos mais ou menos habituais para ela, mas a aposta de ambos era apaixonada e ansiosa. Acreditavam que desta vez era "a vez" e dançavam "*love is in the air*". Ele a buscou em seu carro. Estavam felizes, até que chegaram ao restaurante. Quando ele desceu, ela o viu "mais baixo do que o imaginava". Não podia explicar o que tinha acontecido, mas esses centímetros "a menos" foram decisivos na hora de não poder continuar a relação.

Algo similar tinha acontecido com L, mas desta vez o visitante inesperado seria "um particular odor da pele que impregnava o ar a ponto de fazê-lo insuportável" de uma forma que, obviamente, não acontecia nos seus intermináveis chats ou videochamadas, nem nos seus tórridos encontros de sexo virtual.

Para G, por outro lado, a passagem do *app* para o encontro presencial tinha sido tão maravilhosa como a tinha sonhado e desejado, só que o tempo foi limitado porque o seu namorado morava em outro país. Decidiram voltar a usar os recursos da virtualidade, que tinham funcionado, e apostar numa relação à distância, com todo o romanticismo do qual foram capazes. O problema veio quando a virtualidade tornou muito presente aquilo que não deveria estar. A facilidade do "telefone o tempo todo na mão" fazia com que G visse "até quando seu *partenaire* ia ao banheiro". Fim da aposta e do amor que o *partenaire* não aceitou facilmente.

J, praticante da psicanálise há alguns anos e em formação muito próxima com a nossa orientação, conheceu seu *partenaire* pelas redes mantendo uma relação virtual à distância por quase um ano antes de se mudar de país e apostar na convivência. Felizmente casada e com filhos, conta a sua experiência com a naturalidade de quem, se bem não se considera estritamente nativo digital, é muito mais próximo ao que se refere às mídias digitais, sua presença inexorável em nossas vidas e as suas consequências nos laços. É da geração de colegas que aprendeu a se virar com a Internet e com os *gadgets* da hiperconexão antes do que com os Seminários de Lacan. E estas habilidades não são incompatíveis, para ela, nas coisas do seu amor.

X, também praticante da psicanálise postou publicamente nas redes a sua posição a respeito do uso que faz dos *apps* de encontros e relacionamentos, num mundo no qual conhecer pessoas para o flerte resultam complicadas de outras maneiras.

### III - O que há de novo, velho?

As histórias são variadas, mais ou menos felizes; mais ou menos duradouras; como as de sempre ou como as de nunca. O que têm de alguma forma em comum é o fato de que os seus relatos incluem de maneira inevitável o uso da virtualidade, das redes, dos *apps*, dos algoritmos de busca e dos *gadgets*, nas coordenadas do encontro e desencontro amoroso.

Por outro lado, não encontramos praticamente nenhuma história, inclusive consolidada – se nos for permitida a expressão -, que não esteja atravessada por uma forma de interação virtual para dentro da própria relação, ou para fora. "Há mais chifres num "boa noite" na cama enquanto se olha uma série com o teu parceiro do que numa transa rápida, ou duas, com uma pessoa desconhecida num elevador"<sup>1</sup>, dizia um jornalista em sua coluna dominical, para contar a experiência muito comum de manter relações amistosas, de amantes, de trabalho, de interesse mútuo, e às vezes de todas essas juntas, com ou sem sexo - de corpo presente ou virtual -, muito mais ativas que a contrapartida com os mais próximos de casa. E não é infrequente também que a cotidianidade em si se veja absolutamente atravessada por chats privados e grupais, *apps* de serviço e assistentes do lar, que organizam quem dá de comer para o cachorro, as tarefas escolares das crianças, a música ou a luz que ambientam nossos estados, a roupa que se escolherá, as compras que fazemos, os encontros de sexo, os dias férteis para engravidar, os passos que damos ou as calorias que consumimos.

Existe uma erótica própria do virtual que se some, também, à erótica do amor que pode se dar através dos meios que oferece a virtualidade? Essa erótica do virtual traz algo novo no amor? Essas são talvez as perguntas chave em todo este assunto, e não são tão fáceis de responder. Tentamos nestas linhas oferecer, mais do que respostas, a abertura para uma conversa ampliada que continue e enriqueça a nossa.

As relações pessoais, amistosas, amorosas, de trabalho, de cooperação, de discrepância, de aprendizagem, etc., começam e se mantêm muitíssimas vezes - a tendência indica que esta curva irá crescendo -, à

---

<sup>1</sup> [https://elpais.com/elpais/2019/01/15/opinion/1547571821\\_501227.html](https://elpais.com/elpais/2019/01/15/opinion/1547571821_501227.html)

distância e por meios virtuais, incorporados à vida. Isto tem sido ainda mais evidente por causa dos confinamentos pandêmicos, pelo que "muitas pessoas levamos meses socializando através das telas e de pequenas molduras, que nos roubam os encantos das interações em carne e osso. Já não nos causa estranheza esta arte de conviver à distância, mas conhecemos realmente as pessoas com as quais interagimos pela via virtual e vemos através de pixels? Como fazer novas amizades em semelhantes circunstâncias?"<sup>2</sup> pergunta-se a escritora e ensaísta Laura Sofia Rivero. "Nos últimos meses, uma das coisas que mais sinto falta é da perspectiva. As imagens que cospem as telas não são suficientes para se sentir em outro lugar, apenas alcançam. Sinto falta dos pontos cegos, do olhar poliédrico: em diferentes locais de um quarto ninguém pode ver o mesmo, cada um fabrica a sua verdade. Mas ao olhar através dos monitores pouco resta disso". Em nossas conversas brincamos com a expressão "não vemos a nuca" em nossos planos virtuais sempre frontais.

Isto, que a tecnologia poderia rapidamente superar logo com os sistemas de realidade aumentada traz, contudo, a crucial consideração da perspectiva do eu, e do narcisismo que lhe é próprio. Destaco alguns lembretes como exemplo:

- a procura da boa forma impossível que o outro reflete sobre mim mesmo;
- o estatuto imaginário como projeção de superfícies - pegando a referência freudiana, lida por Lacan -;
- as paixões desatadas como o amor, mas também o ódio - outra face incluível -;
- a ignorância de si mesmo e da alteridade de si mesmo;
- a agressividade que este plano, posto em relevância de maneira demasiado destacada, é capaz de gerar.

Como se constroem e afetam os laços quando estas perspectivas estão fortemente ponderadas pela própria estrutura de alguns recursos da virtualidade?

Deste plano imaginário espacial se desprende uma erótica particular que leva rapidamente a outro plano: o temporal. A experiência do tempo nos intercâmbios virtuais: "o tempo todo", "conexão permanente", "hiperconexão", promove variações na própria noção do tempo, que se pretende cada vez mais instantâneo. Os *stickers* e os memes estão na ordem do dia para nos lembrar disso. "Textão" é a piada com a qual se anuncia que algo não será lido, ou que se deixará de prestar atenção na metade do caminho, por

---

2

<https://cultura.nexos.com.mx/el-nuevo-arte-de-hacer-amigos/?fbclid=IwAR2rVWDJabAvNKCSUGsswQmVcjBKmaRjn2oTsxBRvdwnDLBGgu1gP9AjseA>

ser muito longo. Perspectiva confirmada pelo *WhatsApp* e a sua recente opção de passar as mensagens de áudio recebidas a uma velocidade *forwardeada* para economizar tempo, sem objeções para a distorção da voz. A velocidade é a marca de uma época essencialmente concentrada em muitas coisas, e ao mesmo tempo distraída.

*Surfar* é o verbo que talvez descreva melhor o estado permanente de atravessar com o corpo e com a mente os desafios da atualidade. Um *surfar* de múltiplas superfícies, que não deve se opor rapidamente à falta de profundidade. A complexidade de uma realidade - presencial, virtual, aumentada, ficcional, etc. -, é tão variada, que a forma de *surfá-la* exige muitas competências e habilidades que os nativos digitais costumam produzir com maior facilidade que os imigrantes digitais.

Assim, o *multitasking*, as janelas do computador abertas em mil direções imprevisíveis, as *timelines* como mosaicos surrealistas, o falar com os dedos, o saber editar imagens, vídeos e áudios em "tempo real" para compartilhar de maneira virtual, o atravessar muros tradicionais do público e do privado, trazem faz tempo as pistas de uma erótica que se perfila nova.

A noção topológica da banda de Möebius que ilustra a passagem entre o real e o virtual, sem bordas, faz obsoleta em alguns campos essa diferenciação. Do mesmo modo que parece evidente que quase não é possível sair do estado de conexão conseguindo um estado de franca desconexão, todo o tempo-espaço parece evidentemente *cyber*, e isso poderia ser indicador de uma mutação histórica a qual estaríamos assistindo. Mutação que, como outras, durará o que tenha que durar, e servirá para o que tenha que servir - com vantagens e custos -, como todas as mudanças e revoluções da nossa história.

Como psicanalistas, não estamos do lado da nostalgia de um mundo mais simples - que nunca existiu -.

Nossa perspectiva ética nos deixa atentos para o que do sujeito do inconsciente possa entrar, recorrer e se servir deste novo estado de coisas, tanto quanto daquilo em que não haja lugar para o inconsciente. Assim, ler os símbolos da sua rejeição ou resistência, e aquilo que de lá provoque sintomas, é a nossa tarefa. Sintomas que serão novos, também no campo do amor. E que irão requerer de amores transferenciais também novos, cada vez, para o seu tratamento.

*Tradução: Eva Arenas*